

ARTE MONETÁRIA ROMANA: REFLEXOS DE UMA PROPAGANDA

Cláudio Umpierre Carlan, MSc.
claudiocarlan@ig.com.br

“Onde o homem passou e deixou marca de sua vida e inteligência, aí está a História”
Fustel de Coulanges, século XIX.

I – Introdução

A propaganda em Roma estava intimamente ligada às cunhagens monetárias. As moedas não apenas são instrumentos importantes para estabelecer a datação dos documentos que chegaram até nós sem seu contexto original, como são de grande valia na compreensão dessas mensagens simbólicas descritas no *corpo* da moeda. Com frequência, o tipo monetário de reverso (conhecido por nós como *coroa*) mostra determinada estátua, representando uma divindade (*Virtude, Júpiter, Hércules*, a própria cidade de Roma, a *VRBS...*), uma construção (campo militar, portões de uma fortaleza), o exército (dois legionários montando guarda), cenas de batalha (imperador derrotando seus inimigos), casamentos, uniões dinásticas, tentativa de legitimar um determinado poder. Podendo vir acompanhado de legendas que podem identificar, ou não, a imagem.

Já nos aversos monetários (*cara*), trás em destaque o busto do imperador diademado (com diadema imperial), laureado (coroa de louros) ou encouraçado (com armadura, couraça, uniformes militares). A perfeição dos detalhes nos mostra a importância e o cuidado do artesão em confeccionar essas imagens. Pois, num mundo onde não existiam meios de informação comparáveis aos nossos, onde o analfabetismo se estendia a numerosas camadas da população. A moeda é um objeto palpável, objeto que abre todas as portas e proporciona bem estar. Nela pode-se contemplar a efigie do soberano, enquanto os reversos mostram suas virtudes e a prosperidade da época: *Felicitas Temporum, Restitutio Orbis, Victoria e Pax Augusta...*são slogans, propaganda.”¹

A moeda, como documento, pode informar sobre os mais variados aspectos de uma sociedade. Tanto político e estatal, como jurídico, militar, religioso, mitológico, estéticos, artístico.

¹ROLDÁN HERVÁS, J. M. *Introducción a la Historia Antigua*. Madrid: Ediciones Istmo, 1975, p. 166.

II – Roma e sua época.

O desenvolvimento do retrato individual é geralmente considerado como uma das principais realizações da arte romana. Esse ponto de vista é talvez um tanto paradoxal, já que os artistas que produziram a maioria dos retratos conservados eram, de fato, gregos. Mas trabalhavam sob patrocínio de romanos abastados e a sua obra é uma resposta as necessidades romanas e um reflexo dos gostos dessa sociedade. A característica distintiva desse estilo de retrato é um extremo realismo, com particular realce para os aspectos pouco atraentes dos indivíduos representados. As origens desse estilo *verista* são difíceis de determinar, mas não há dúvida que agradava muito aos romanos, que gostavam de se ver como um povo forte, honesto e nada fantasioso. Essa característica foi utilizada nas cunhagens monetárias.

Diferente dos gregos, os chamados “inventores” da moeda (segundo Heródoto na Lígia, século VII a. C.), que representavam deuses e personagens ligados à mitologia (dando um aspecto sagrado à moeda), os romanos seguiam o mesmo padrão adotado nos retratos.

Para conhecermos melhor o mundo romano, Funari afirma que dispomos de diversas fontes de informações como: documentos escritos, objetos, pinturas, esculturas, edifícios, moedas, entre outros².

Nesse artigo nós daremos um destaque maior as amoedações, pois além de oferecer um bem estar econômico, mostra também os seus aspectos icônicos. Analisando os anversos e reversos monetários como imagens fabricadas, elas imitam aquilo a que se referem. Qualquer signo, mesmo o iconográfico gravado segundo processos físicos ou naturais é construído segundo regras determinadas que implicam convenções sociais. Ela circula de fato nos três níveis, sendo simultaneamente ícone, índice e símbolo convencional. Os povos que habitavam o vasto império romano tinham conhecimento de que o busto representado naquela diminuta peça de bronze, prata ou ouro era do seu governante.

A moeda foi introduzida em Roma durante a República, onde as famílias senatoriais cunhavam suas próprias peças (podemos chamar de uma produção particular). Mas foi com Augusto (63 a. C. – 14 d. C.) que os aspectos artísticos, não apenas das peças, mas também da arquitetura, são associados a uma propaganda político / ideológica, cuja função era de legitimar o poder do governante³.

² FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Grécia e Roma*. Vida pública e vida privada. Cultura, pensamento e mitologia. Amor e sensualidade. 2ª.ed. São Paulo, Contexto, 2002, p. 78.

³ ZANKER, Paul. *Augusto y el poder de las imágenes*. Madrid: Alianza Editorial, 1992, p. 86.

Com Diocleciano e os demais membros da tetrarquia (295 – 305), introduzem uma reforma monetária e uma nova amoedação, os *dupondii*⁴. Essa moeda de bronze de diâmetro superior a 2,5 mm, pesando mais de 8 g, são identificados no reverso a representação de Júpiter seminu com os ombros cobertos, nas peças de Diocleciano, ou Hércules com a pele do leão nas de Maximiano, entregando para o imperador o globo, encimado pela Vitória com uma coroa de louros pronto para coroá-lo. Como se as divindades protetoras de Roma estivessem abençoando os novos governantes. Fortalecendo assim a legitimação do poder imperial.

III – Importância da Numismática e seus “retratos”.

O artista, nesse caso o artesão, tem a tendência de interpretar o que foi gravado. Com o desenvolvimento do colecionismo do século XVIII, as escavações em Herculano e Pompéia (Winckemann já dizia que a sociedade perfeita, a clássica, tinha de ser imitada), o gosto pela Antigüidade, o aumento do material disponível nos museus, ajudaram na criação das primeiras sociedades numismáticas do século XIX.

Algo mais que um meio de comunicação, ou de exposição dos grandes mistérios da mitologia, religião, poder. A revolução da imagem como meio de comunicação inicia outros caminhos. A exposição pública passa ser contemplada em salões e museus. Sendo a moeda um objeto fabricado pela mão do homem, o metal utilizado para fabricação das peças, como também as gravuras e legendas, traz a luz a História Política e das Artes. Já a circulação monetária, auxiliada por um trabalho metodológico de conhecimento das técnicas de análise, são de ajuda fundamental para o estudo da História Econômica.

Nas amoedações mais antigas seu trabalho chega a ser artesanal. Certas emissões possuem características próprias (como nas moedas cunhadas por Constantino e Constâncio II, por exemplo). Uma mesma série (variantes) pode aparentar diferenças voluntárias ou involuntárias⁵(incidentes das batidas). Esses incidentes são conhecidos por que na época da cunhagem, a peça escapava do controle dos artesãos. Pode-se dizer que a pancada do martelo foi fraca na tentativa de reduplicar a moeda, ou até mesmo o desinteresse dos responsáveis, pois poderiam estar precisando que aquela peça entrasse logo em circulação.

Em Roma, a moeda unificava todo um território que estava submetido a um mesmo poder político. Mais que a língua e a religião, era o um dos poucos

⁴ CAYON, Juan. Compendio de las Monedas del Imperio Romano. V. 2. Madrid: Imprenta Fareso, 1985, p. 45.

⁵ CORVISIER, Jean – Nicholas. Sources et Methodes en Histoire Ancienne. Pr editions. Paris: Presses Universitaires de France, 1997, p. 162.

instrumentos que permanecia imutável de uma parte a outra do Império. As variações correspondiam às oficinas monetárias e ao chefe do governo. É possível considerá-la como uma transmissora de uma ideologia e do poder político.

Nesse sentido, as amoedações emitiam mensagens do poder de um soberano emissor. Pelo metal precioso, ou não, em que estava lavrada, ela veiculava também a ideologia comum a uma civilização, nesse caso a cristã ocidental ou a orientação política de um governante. As suas legendas, tipos, refletiam a estrutura mental de um povo ou de vários povos, como também retratavam o fato vivido.

IV – Considerações Finais

Um setor importante das necessidades humanas, satisfeitas mediante as diferentes artes decorativas, corresponde às que se orientam para expressão de uma hierarquia ou a satisfação dos sinais externos do cerimonial prescrito numa determinada circunstância. Em muitos momentos ao longo da História essas interiorizações foram consideradas de elementos imprescindíveis para detonar respeito e acatamento para a autoridade constituída, seja de um caráter religioso ou de qualquer outra índole.

Os símbolos que habitam a numismática estão dotados sempre de uma clara organização hieroglífica, pois procedem do fato de que essas imagens difundidas se articulam sempre com o idioma figurado, no qual o poder se expressa secularmente. Trata-se, segundo de la Flor, do surgimento de representações de águias, leões, como também de torres, cruzeiros⁶, da fênix, de imperadores ou de personagens pertencentes a uma elite político-econômica, que representam a órbita de ação do poder, chegando ao ponto em que a numismática pode ser definida “como um monumento oficial a serviço do Estado.”⁷ Lembramos ainda que, como afirma Cassirer, “...em lugar de definir o homem como um animal *rationale*, deveríamos defini-lo como um animal *symbolicum*.”⁸

O poder não pode ser apreendido pelo estudo do conflito, da luta e da resistência, a não ser em suas manifestações mais restritas. O poder não é característico de uma classe ou de uma elite dominante, nem pode ser atribuído a uma delas. Para Foucault o poder é uma estratégia atribuída às funções. O poder não se origina nem na política, nem na economia, e não é ali que se encontram suas bases. Ele existe como uma rede infinitamente complexa de micropoderes, de relações de poder que permeiam todos os aspectos sociais. O

⁶FLOR, Fernando de la. Emblemas, Lectures de la Imagen Simbólica. Madrid: Alianza Editorial, 1995., p. 183.

⁷Idem Ibidem - op. cit., p.186.

⁸CASSIRER, E. Antropologia Filosófica. Ensaio sobre o Homem. São Paulo: Mestre Jou, 1977, p.70.

poder não se reprime, mas também cria. Dentre todos esses aspectos, o mais polêmico de todos é a constatação que o poder cria a verdade e, portanto, a sua própria legitimação. Cabe aos historiadores identificar essa produção da verdade como uma função do poder.⁹

Segundo Funari: “...Não se trata, assim, de acreditar no que diz o documento, mas de buscar o que está por trás do que lemos, de perceber quais as intenções e os interesses que explicam a opinião emitida pelo autor, esse nosso foco de atenção.”¹⁰

FONTES NUMISMÁTICAS

Moedas de Bronze dos seguintes Imperadores:

Diocleciano, Constantino I, Constâncio II; pertencentes ao acervo do Museu Histórico Nacional/Rio de Janeiro:

Medalheiro de Número 3; Lotes Números: 11 ao 37, dando um total de 1824 peças.

BIBLIOGRAFIA

CASSIRE, E. Antropologia Filosófica. Ensaio sobre o Homem. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

CAYON, Juan. Compendio de las Monedas Del Império Romano. V.2. Madrid: Imprenta Fareso, 1985.

CORVISIER, Jean-Nicolas. Sources et Methodes em Histoire Ancienne. Pr. Edition. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

DEPEYROT, G. Economie et Numismatique (284-491). Paris: Errance, 1987.

FLOR, Fernando R. de La. Emblemas Lectures de La Imagem Simbólica. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Grécia e Roma. Vida Pública e vida privada. Cultura, pensamento e mitologia. Amor e sexualidade. 2ª.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Roma Vida Pública e Vida Privada. 4ª.ed. São Paulo: Atual, 1993.

HUNT, Lynn. A Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ROLDÁN HERVÁS, J. M. Introducción a la Historia Antigua. Madrid: Ediciones Istmo, 1975.

ZUNKER, Paul. Augusto y el Poder de las Imágenes. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

AGRADECIMENTOS. Pedro Paulo Abreu Funari, Edinéa da Silva Carlan, Rejane Maria Lobo Vieira, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Superior (CAPES).

Cláudio Umpierre Carlan. Doutorando / UNICAMP, bolsista da CAPES, pesquisador-associado do Núcleo de Estudos Estratégicos. Orientador: Prof.Dr. Pedro Paulo Abreu Funari

⁹ HUNT, Lynn. A Nova História Cultural. Tradução de Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 46.

¹⁰ FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Roma: vida pública e privada. 4ª ed. São Paulo: Atual, 1993.